

## Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: roberto.simoese@ufes.br

/// No Espírito Santo, a água não ganhou expressão nos volumes dos planos e das ações. Foi preciso chegar ao extremo da seca – e da chuva

# Negligência com a água

Investiu-se em irrigação e, para as cidades, em captação e redes de distribuição, mas a água foi esquecida – apesar das evidências de que estava diminuindo. Confirma-se essa escassa atenção à água nos dois planos de longo prazo no Espírito Santo e, principalmente, nas ações quando se lê as “Megatendências Mundiais 2030: o que as entidades e personalidades mundiais pensam sobre o futuro do mundo?” (Ipea).

No meio ambiente, o “aumento da pressão sobre os recursos hídricos” é uma três megatendências identificadas. O Fórum Econômico Mundial indicou a “segurança hídrica como um dos grandes desafios mundiais”. Esse foi o significado dado à água nos planos e orçamentos estaduais?

A ONU (2014) estimou em 780 milhões o total de pessoas sem acesso a uma fonte de água (quase quatro vezes a população do Brasil), e em 2,5 milhões o número de pessoas desprovidas de saneamento. O referido Fórum avalia que o risco hídrico para os negócios poderá ultrapassar US\$ 400 bilhões (2011).

Ao mesmo tempo, a pressão global sobre a água se intensificará. A população mundial aumentará de 6,9 bi-

lhões em 2010 para 8,3 bilhões em 2030. Entre 2000 e 2050, se nada for feito para mudar, “a demanda (mundial) por água aumentará em até 400% para a indústria, 140% para geração de energia e 130% para o abastecimento de água”. Para a irrigação, prevê-se um decréscimo de 15%. Quais são as projeções, se é que existem, para o Espírito Santo?

No referido estudo global constam “surpresas inevitáveis até 2030”. Uma delas: 1 bilhão de pessoas a mais viverão com escassez de água (e quase metade da população mundial enfrentará grave estresse hídrico). No Estado já havia, antes desse momento, escassez e estresse hídricos, mas a água não ganhou expressão nos volumes dos planos e das ações. Foi preciso chegar ao extremo da seca – e da chuva.

Diante desse quadro, e sendo um recurso escasso, “há dúvidas se, até 2030, haverá o gerenciamento integrado dos recursos hídricos, considerando bacias hidrográficas, principalmente transfronteiriças, como unidade de planejamento”. Destaca-se a relevância de serem definidos “padrões internacionais de acesso e de processamento da água para se garantir um sistema de suprimento de água sustentável de água global”. As mudanças climáticas ampliam incertezas: “pode-se ainda questionar se haverá tecnologia de simulação e previsão confiável”.

Vai custar, devido ao atraso, mas a água é renovável em outra concepção de economia e de vida.